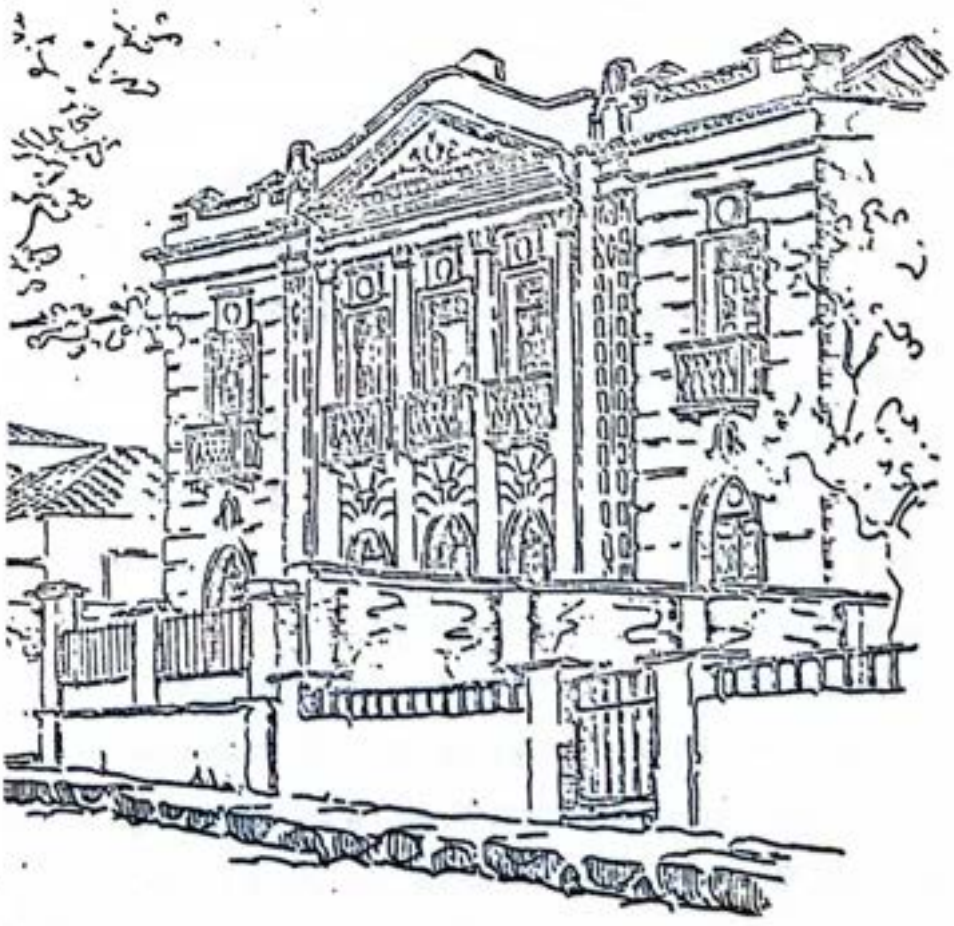
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
Praça Cons.Rodrigues Alves,48 - 2º andar - Tel.(0125)22-3674
ANO DE 1986

THEATRO CARLOS GOMES

"E havia o velho Teatro Carlos Gomes
depois Teatro Municipal,
com operetas, peças clássicas e populares..."

José da Silva Lacaz

Internacionalmente o ano de 1986 será dedicado à Paz dos Povos. Mas no Brasil, será também o "Ano de Carlos Gomes", uma forma de homenagear a importância culturale histórica da produção musical de Carlos Gomes, a grande projeção internacional alcançada por suas obras, o prestígio que seu nome trouxe para a cultura musical brasileira. As instituições oficiais de cultura, juntamente com os estabelecimentos de ensino, públicos e particulares, deverão, neste ano, dar ênfase à mú-



sica brasileira em geral e às obras do compositor, em particular.

Há cem anos atrás, entretanto, Guaratinguetá já homenageava o ilustre compositor, ainda em vida, fazendo-o patrono do teatro que se construia na cidade, por iniciativa particular de Francisco Baptista de França Rangel e Ignácio José Monteiro dos Santos.

Não era nessa data, entretanto, que se iniciava na cidade o gosto pelas artes cênicas. Jornais do século dezenove noticiavam seguidas apresentações teatrais, até com a presença de SS. AA. Imperiais, em visita a Guaratinguetá e Aparecida, como aconteceu em dezembro de 1868. Na mesma década, as Atas da Câmara Municipal registram a atual rua Frei Lucas com a denominação de "Rua do Theatro".

Em 1877, a inauguração da estrada de ferro, ligando o Vale do Paraíba à Corte do Rio de Janeiro e a São Paulo, facilitou a vinda de famosas companhias teatrais européias e do Rio de Janeiro a Guaratinguetá, o que mostrou a necessidade da construção de uma casa de espetáculos com recursos cênicos, requinte e comodidade para assistência, levando os guaratinguetaenses Francisco Baptista de França Rangel e Ignácio José Monteiro dos Santos à edificação do Theatro Carlos Gomes.

O terreno escolhido ficava no então Largo do Rocio, depois Largo do Dr. Lycurgo de Castro Santos, Largo do Teatro e Praça Homero Ottoni, com fundos para a atual rua Dr. Gama Rodrigues, à margem do ribeirão de São Gonçalo. A planta ficou a cargo do engenheiro Dr. Justin Norbert, autor de inúmeras outras obras na cidade.

Foram levantados recursos e doações com particulares, e os coordenadores do projeto nele investiram seus

próprios bens. Devido à grandiosidade da obra, entretanto, logo se esgotaram todos esses recursos sem que fosse possível finalizar o prédio, erguido com detalhes arquitetôni cos que deveriam não só embelezá-lo como igualmente atender às necessidades de uma casa para espetáculos diversos.

Assim, a 3 de abril de 1890, Ignácio José Monteiro dos Santos e Francisco Baptista de França Rangel propuseram à Intendência Municipal ceder-lhe o Theatro Carlos Gomes sob as seguintes condições: "a Intendência ficava responsável pelo término do Theatro, pagando aos responsáveis por sua construção, o débito dos mesmos com abatimento de 25% sobre o capital". A cessão do Theatro Carlos Gomes foi aceita pela Intendência por escritura pública de 19 - 11 - 1890, sendo de 15:291$430 a importância já gasta em sua edificação.

Em agosto do ano seguinte, entretanto, as obras continuavam paradas, embora a Intendência Municipal demonstrasse preocupação no sentido de terminar "o Theatro Carlos Gomes, deixando-o em estado digno e decente da localidade civilizada como é esta". Foi aberta concorrência para este fim, nomeando-se uma comissão responsável pela obra, constituida pelo Dr. Ernesto de Castro, Dr. Raphael Brotero e pelo Intendente Francisco Baptista de França Rangel.

Foram então apresentadas duas propostas para a sua conclusão: a de Dallari Casati e Cia., pela quantia de 37:000$000, com o prazo de término de seis meses, e a de J. Raimond e Cia., propondo-se a concluir o Teatro num prazo de cinco meses, pela quantia de 36:800$000 réis. Foi escolhida a proposta de J. Raimond "por ser a mais vantajosa não só pelo seu lado econômico e pelo prazo menor para a conclusão do edifício, como por estar de acordo com a planta anteriormente aprovada".

Pelas Atas da Intendência Municipal de 2-3-1893 e de 4-5-1893, vamos observar que a escolha da proposta "mais vantajosa", entretanto, não atingiu os objetivos desejados, pois o vencedor da concorrência, além de pedir a quantia de 5:000$000 por serviços já prestados, se exonerou de qualquer serviço da administração pública, abandonou a obra, "e se ausentou para logar incerto", segundo informação dada ao engenheiro Justin Norbert pelo Consul francês no Rio de Janeiro. Por esta data, o Dr. Justin Norbert informava ainda "estar findo o prazo do contrato das obras restando pagar apenas a última prestação a que a Câmara está obrigada com dedução de 1:800$000 réis adiantados por equidade".

Em agosto de 1893, ficou o Intendente autorizado a tomar conta das obras,"após inventariar o que se achava dentro do edifício e fazer examinar por profissionais o estado da construção". A partir dessa data, o Theatro passou a ser designado como "Theatro Municipal", denominação inscrita na própria fachada do prédio, ao alto, quando de sua inauguração. A substituição dos nomes, entretanto,não é mencionada em ata.

E 24 de agosto do mesmo ano de 1893, foi autorizada pela Câmara "a quantia de 7:500$000 réis a ser usada com a construção dos camarins, cenários e iluminação". Quanto aos camarins, ficou ainda decidido que estes seriam colocados "fora do palco, para o lado de tras, por ser este insuficiente à movimentação dos cenários, sendo ainda contratado, na ocasião, o trabalho de cenografia e iluminação".

Narra Nero Senna que "o Intendente, Alfredo Antunes - homem cheio de iniciativa, entre outras a de realizar a conclusão do Theatro - mandou então contratar, no Rio, o cenógrafo Roque de Castilhos, para fazer o pano de boca e

os cenários, bem como a decoração da casa, o que foi feito com arte e perfeição".

A data para a inauguração foi decidida na sessão de 26 de fevereiro, sendo designado o dia 1º de março de 1894 para o importante evento, para o qual foi "contratada a Companhia de Operetas Ismênia dos Santos, que trabalhava no Variedades. Dessa Companhia faziam parte, além da sua empresária, Maria Machado Leite, Amélia Lopiccolo, Elvira Conceta, Adelaide Coutinho e, como diretor da orquestra, o Maestro Assis Pacheco. "As peças levadas à cena eram as melhores operetas em voga no Rio de Janeiro. Todos os lugares foram ocupados em cinco récitas de assinaturas e para algumas extras eram preferidos os assinantes que, sem exceção, permaneciam nos seus lugares".

Embora inaugurado com muita alegria, parece que faltava ao Teatro completar o mobiliário, fato lembrado em versos por Tuvira:

"e que a princípio
por não ter mobília
obrigava os frequentadores
a levarem de casa
as cadeiras
para acomodação da família!"

Já em 1904, o Anuário Guaratinguetaense noticiava que o Theatro Municipal era considerado como "um dos melhores Theatros do Estado. Vistoso e elegante edifício, tinha capacidade para 250 cadeiras, 20 camarotes, varandas e galerias, além de ser uma obra sólida". Ferreira Júnior completa a notícia acima, narrando que "à entrada do Theatro havia um amplo salão de espera, com elegantes escadas que levavam às galerias nobres e camarotes de segunda ordem, além

das escadas para as torrinhas. A platéia, em forma de ferradura, possuia cadeiras de palhinha austríaca. Em todas as cabeceiras dos camarotes havia os nomes dos nossos grandes vultos: José de Alencar, Carlos Gomes, Ismênia dos Santos, Vasques, etc. A frontaria do palco, obra de arte magistral, apresentava nas belas colunas laterais os emblemas da Música e da Comédia e no frontão um escudo com a divisa de Domenico: "Ridendo castigat mores". O pano de boca era o jardim de um palácio muito lindo e muito impressionante. Era um espetáculo a sua subida e dava mais vida ao proscênio. A caixa do teatro era tão grande que foi a única no Brasil que possibilitou a representação completa de "Zazá". De propriedade do teatro havia um considerável número de trainéis, bosques, praças, avenidas, enfim todos os recursos para os grupos de amadores e para as solenidades cívicas, sociais e religiosas".

Um levantamento de algumas peças apresentadas no Theatro, entre os anos de 1894 e 1925, feito por Kazuko Suguizaki Saito, demostra a grande atividade dessa casa de espetáculos, com a presença de atores c companhias famosas, nacionais e estrangeiras, sempre com grande presença de público de Guaratinguetá e cidades vizinhas. No final dos anos vinte, entretanto, afirma apesquisadora que, "influenciado também pela decadência do café, atravessava o nosso teatro uma fase de depressão. O cinema parecia relegar o teatro a função secundária..." O fato parece se repetir atualmente, quando a televisão fecha as salas do espetáculo público de cinema. Foi quando Guaratinguetá assistiu à desativação de seu antigo Theatro Carlos Gomes, construido com tanto esforço e luta, e que proporcionara à população tantas horas de lazer cultural.

Em 29 de julho de 1929, por ordem dos poderes municipais, ficava pronta uma "planta de situação e adaptação do Theatro Municipal para a Escola de Farmácia e Odontologia, executada por Vicente del Mônaco, engenheiro arquiteto". Também esta instituição educacional não teve êxito, devido, principalmente, a motivos políticos. Foi extinta no ano de 1933. Logo em seguida, o prédio foi adaptado para as funções administrativas da Prefeitura Municipal, que ainda aí funciona.

Com algumas alterações em sua fachada e telhado, embora modificado interiormente, o edifício do antigo Theatro Carlos Gomes é hoje um dos importantes marcos culturais do Vale do Paraíba, por sua bela arquitetura, pelo seu significado e, principalmente, como monumento erguido em homenagem a Carlos Gomes.

Thereza Regina de Camargo Maia

NOTAS: No desenho, a atual Prefeitura Municipal de Guaratinguetá, antigo "Theatro Carlos Gomes", depois Theatro Municipal.

- Paulista de Campinas, Antonio Carlos Gomes nasceu em 1836. Faleceu em Belém do Pará, no ano de 1896, estando sepultado em sua terra natal.

  Projetou-se internacionalmente como autor lírico, sendo considerado uma das maiores expressões da música erudita de sua época. Dono de uma força dramática invulgar, sua música está concentrada na melodia. Dentre suas mais conhecidas e inúmeras composições destacamos: a modinha "Quem sabe", hoje peça clássica da canção brasileira, a ópera "A noite no castelo", que lhe valeu a comenda da Ordem da Rosa, a mais alta condecoração do Império, além das óperas Joana de Flandres, Salvador Rosa, Fosca, Maria Tudor, Lo Schiavo, Condor, Colombo (oratório sobre o descobrimento da América) e O Guarani, baseado no romance de José de Alencar e que obteve grande sucesso na Europa para quem os índios do Brasil era um tema inédito. Todas suas óperas foram apresentadas na Europa, com grande sucesso. O ano de 1986 é o momento de se dimensionar o verdadeiro valor de sua obra, hoje em dia tão discutida e tão pouco divulgada.

FONTES DE CONSULTA

Anuário Guaratinguetaense da Gazeta do Povo. 1904. 1º ano. Typografia Nogueira. Rua Richuelo. Guaratinguetá.

Atas da Câmara Municipal de Guaratinguetá de 1880 a 1925.

Camargo, Conceição Borges Ribeiro. Passagem da Princesa Isabel em Guaratinguetá e Aparecida. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Vol. LXVII. 1970.

Ferreira Júnior. Guaratinguetá. Edição do autor. 1962

Jornais "O Paraíba". Nº 147(21-10-1866), nº 169 (24-3-1867), nº 259(13-12-1868) e 5-4-1942.

Lacaz, José da Silva. Guaratinguetá - história lírica da cidade. Edição do autor. 1985.

Saito, Kazuko Suguizaki. O teatro em Guaratinguetá. Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. 1972.

Senna, Homero. Um mineiro de Guaratinguetá. Rio de Janeiro. 1974.

SÉRIE

CONHEÇA E VALORIZE SUA TERRA E SUA GENTE